

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO: JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,  
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N. 8

FORTALEZA, 30 DE ABRIL DE 1887.

## SUMMARIO

O papel da poesia—R. FARIAS BRITTO;  
O primeiro filho—JUVENAL GALENO;  
Contraste—A. MARTINS;  
O padre Francisco Pinto ou a primeira catechése de indios no Ceará—PAULINO NOGUEIRA.  
Deserto—F. CLOTILDE;  
Quinze dias—J. L.;  
O Manoel Bast —VIRGILIO VARZEA.

## EXPEDIENTE

### Assignaturas

#### CAPITAL

Trimestre . . . . .	28000
Semestre . . . . .	48000
Anno . . . . .	88000

#### INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre . . . . .	58000
Anno . . . . .	108000

#### ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

## O papel da poesia

L'inspiration, le je ne sais quoi, ce qui va a l'idée et qui frappe l'âme, sont des mots écrits en caractères noirs sur des nuages bleus.

PROUDHON.

(Continuação)

O conhecimento do mundo dos phenomenos é o que se chama ordinariamente o conhecimento da realidade. D'ahi vem que o realismo se confunde com a concepção materialista do mundo: é que o materialismo identifica os phenomenos e a - cousa em si.

O mundo da realidade ou antes o mundo dos phenomenos está sujeito a leis immutaveis e segue uma marcha regular, de onde se segue que o seu conhecimento tem uma base segura e uniforme. As falsas

concepções metaphisicas que pretendem elevar-se a essencia das cousas constituem um grande embaraço ao livre desenvolvimento do pensamento que só pouco a pouco va destruindo as difficuldades por ellas introduzidas no dominio do conhecimento; mas por fim prevalece sempre o conhecimento da realidade.

“O fim geral do homem e da sociedade, conforme se exprime Lassarria em sua obra sobre a “Politica positiva,” não pode ser outro, senão a vida em toda a sua intensidade no espaço e no tempo; em outros termos, o desenvolvimento integral e completo de todas as faculdades humanas para conservar e estender a vida, dominando o mundo exterior conforme a ordem geral da criação e a natureza de cada cousa em particular.”

O unico meio que ha para chegar-se à consecução deste fim é o conhecimento verdadeiro da realidade. Só o conhecimento da realidade pode constituir a verdadeira sciencia, e tal é a condição necessario da vida e da sociabilidade. Separe-se d'isto a especulação e perdesse à nas brumas confusas do subjectivismo sem que possa d'ahi resultar nenhuma garantia para o futuro da vida.

E é justamente para que se realice a completa eliminação de tudo o que é subjectivo que o methodo que nos leva à sciencia da natureza exige a destruição das formas syntheticas de conceber o universo.

Como se deve, porem, nestas condições comprehender a influencia das idéas? A que ficam assim reduzidas a poesia e as bellas artes, estas filhas mimosas da imaginação e do sentimento, que Shopenhauer apesar de todo o seu pessimismo não vacillou em considerar como o unico bem capaz de por alguns momentos alliviar as miserias do mundo?

Colloquemo-nos em face da natureza e apreciemos com imparcialidade o espectáculo da existencia: Duas são as maneiras de comprehender a humanidade e o mundo: o optimismo e o pessimismo. O optimismo é a doutrina que acredita no predomínio do bem; o pessimismo é a doutrina que estabelece o predomínio do mal.

Qual d'estas duas doutrinas deve

ser considerada como a expressão da verdade? Na lucta pela vida, no jogo constante e indefinido das paixões e do interesse, quem é que se acha collocado n'um ponto mais alto e toma a direcção dos negocios da humanidade: o genio do bem ou o genio do mal?

Quando se observa friamente o quadro da existencia, as mil difficuldades da vida, a luta constante dos homens uns contra os outros, a miseria e o soffrimento de todos, sente-se que a natureza é extremamente cruel e não se pode deixar de ser pessimista. Para que, porem, seja possível o pessimismo, é necessario que haja a concepção ideal de um mundo melhor com o qual possa ser comparada a realidade. Resulta d'ahi que a observação da realidade que dá em resultado a concepção pessimista do mundo, oppõe-se a imagem ideal do optimismo como uma consolação para aquelles que soffrem e ao mesmo tempo como uma terrivel condemnação para os que fazem soffrer. Desde que, porem, o pessimismo é o resultado inevitavel da observação da realidade segue-se necessariamente a destruição da concepção optimista.

«Esta destruição, porem, diz Lange, só attinge o dogma e nuca o ideal. Ella não pode destruir o facto de que nosso espirito é creado para produzir eternamente de novo em si mesmo uma concepção harmonica do universo, o facto de que elle aqui, como por toda parte, colloca ao lado e acima do real ideal, e se restabelece das lutas e das necessidades da vida, elevando-se pelo pensamento até o mundo das perfeições.»

Qual é, porem, o meio de que dispõe o espirito para que se possa assim elevar a concepção do ideal? A sciencia, não; porque a sciencia tem por objecto a realidade: esta missão pertence ao dominio da religião e da poesia. D'ahi a distincção estabelecida por Lange entre as funções inferiores dos sentidos e do entendimento e o vôo sublime do espirito nas livres creações da arte.

Fica, pois, assim, perfeitamente determinado o papel da poesia.

O homem tem necessidade de completar o quadro terrivelmente esmagador da realidade pela concepção harmoniosa de um mundo

idéal. A realidade o atterra: é preciso entrever a possibilidade de um mundo melhor. Tal é a missão da poesia.

Pensando desta maneira é desnecessário observar que estamos francamente em opposição a esta chamada *poesia realista* ou *científica* que têm procurado introduzir entre nós alguns dos nossos criticos como a verdadeira forma da poesia moderna. Antes de tudo deve-se notar que ella ainda não recebeu uma accentuação definitiva, nem conseguiu, em nenhum de seus principaes representantes, desenvolver uma idéa capaz de inflamar a alma do homem moderno.

Depois, acontece que a sciencia não faz poesia e o quadro que nos apresenta da vida nada tem de poetico. D'ahi mesmo é que vem a necessidade da poesia, que serve em tal caso para completal-a.

Toda a poesia digna de merecer esse nome, deve ser scientifica; isto, porem, no sentido de que não pode deixar de soffrer a influencia do estado intellectual da epocha em que é produzida.

Neste caso a expressão—*poesia scientifica*—é insufficiente para caracterisar a poesia nova, porque, si a poesia de hoje está em harmonia com os conhecimentos modernos, a poesia da antiguidade estava em harmonia com os conhecimentos antigos; e assim tanto uma como a outra é scientifica.

Verdade é que a expressão nada adianta e não pode exercer nenhuma influencia sobre a substancia da cousa que representa; mas aqui alem de que a cousa é falsa mesmo em sua substancia, accresce quo a expressão envolve uma contradicção manifesta.

A expressão—*poesia scientifica*—é pois, injustificavel, a menos que se queira fazer de poesia unicamente um meio de vulgarisar a sciencia, o que equivale a confirmar a sua sentença de morte, porque então ella ficaria inteiramente affastada de sua missão que é a criação do idéal.

Podemos agora fazer uma exposição geral e synthetica do nosso modo de comprehender a questão.

«Tudo o que é bello é poesia», diz Lange.

Tal é a idéa que vem completar a nossa concepção sobre a natureza da poesia.

(Continúa)

R. FARIAS BRITTO.

## O PRIMEIRO FILHO

Meu Deus, que sinto! Que sombria nuvem  
M'inunda o rosto, o coração m'envolve!  
Correi, oh prantos, deslizai opimos...  
Banhai meu peito que convulso treme;  
E tu, oh magoa, os agulhões afla,  
Crava-os sem pena... Que m'importa a vida,  
Ermo onde as flores não vicejam... morrem !...

—Filho, meu filho!—Desvairado, afflicto,  
Chamei-te embalde!—De teu pae não ouves  
A voz penosa que o soluço embarga?...  
Vazio o barco... e pelo chão despensas  
A roupa, a fita, os infantis adornos...  
Extincto o incenso na caçoula fria...  
Tudo deserto... e resoando gelido  
Vento funereo—resfriando os lares!  
Filho, meu filho! Tua mãe pranteia...  
Teu pae arqueja.. de minh'alma, oh, filho!

Ha longo tempo t'esperava... Um dia  
Palavra doce nunciou-me a dita  
De possuir-te, de beijar-te agora...  
Passei as tardes na montanha umbrosa,  
Na fulva praia a meditar contente,  
Pois que antevia de meu filho os mimos  
Entre sorrisos d'innocencia ethérea...  
E então dizia à tua mãe:—Esposa,  
Serei seu guia n'este mundo vario;  
Eu mesmo quero lh'ensinar os passos,  
Primeira fraze que lh'exprima a idéa,  
Dar-lhe a sciencia que se deve à infancia!  
E tantas cousas murmurava... ai tantas,  
Que a esposa enchia dos mais ledos risos!  
Ou discutindo combinava o nome  
Que havia dar-te .. Ou, desvelado sempre,  
Mirava as alvas camisinhas tuas  
Qu'ella enfeitava a suspirar ditosa!  
Ai, já vivendo de tua vida, filho,  
Na rubra aurora da ventura immerso,  
Que perto vinha a despontar em jubilos!

E tu nasceste!—Da montanha, oh auras,  
Frescos arroios, menestrelis alados...  
Virgem natura, descantai um hymno!  
Que do poeta, do cantor das selvas,  
E' vindo o filho,—o seu primeiro filho,  
Imo poema d'inspirados cantos!  
Eil-o! Descança em maternal regaço,  
Lindo, tão lindo, como fora o sonho  
Do bardo esposo! Que expressão nos olhos,  
Quanta meiguice no seu riso ingenuo...  
Botão de rosa... cherubim celeste!...  
Filho, meu filho!—Mal conter nos labios  
Posso esta phrase... O coração me bate,  
Minh'alma entôa a gratidão em preces!  
Ave piando ao derrerador do ninho,  
Eis-me a cercal-o de caricia e zelo,  
Ora o revendo a resomnar no berço,  
Ora tentando acalentar-o... E quero  
Vencer a esposa em maternal carinho,  
No amor ao filho... qu'emoção... que dita !...

Mas, eis que o forem deshumanas dores !  
 Geme... S'estorce... A' Virgem Santa imploro...  
 Mil votos faço... que penar cruento !  
 Debalde exploro a medicina testulta...  
 Quanto padece a creancinha... Ai, grita...  
 E cada grito m'espedaça o peito !...  
 Meu Deus, salvai-o!--Que farei ?.. Ai louco  
 Não sei que faço ! Se um momento espero,  
 N'outro me volva o desespero em transes !  
 E as horas correm... Soceçou... calou-se...  
 Mas, ah, que somno!... Empallidece...oh,susto...  
 Filho, meu filho ! Tua mãe soluça...  
 Teu pae arqueja... meu filhinho, acorda !

Palavra infausta o desengano escreve :  
 Morreu!--meu filho, meu querido filho !

Luz de minh'alma... a rutilante estrella,  
 Primeira e unica que em meu céu brilhava...  
 Phanal em trevas de agitados mares !  
 Do pobre cego que será sem norte ?...  
 Nas turbas ondas que será do naufrago ?...  
 Ai, quem me salva d'esta dor tamanha !  
 Quanta saudade!--Quem levou meu filho...  
 Os meus alentos n'este mundo ingrato ?!  
 A flor mimosa do mais santo affecto  
 Onde se occulta ? Que soidão em casa !  
 Debalde o chamo... procurei-o embalde...  
 Filho, meu filho!--Quem roubou-me a dita,  
 O meu menino, do poeta a esp'rança ?  
 Sombria sorte!--Soluçai, florestas !...  
 Verde montanha, do cantor o filho  
 Partiu... voando nos festivos bandos  
 D'almos anjinhos que do céu desceram !  
 Chora commigo, natureza amada,  
 N'alva da serra, nas saudosas tardes ;  
 E tu, filhinho, nos divinos thronos,  
 Pede consolo para a mãe que geme,  
 E a Deus que estanque de teu pae as lagrimas !

JUVENAL GALENO.

## CONTRASTE

São dois anjinhos—nós, sem hyerarchias,  
 Um tem a côr que Deus à Europa dera,  
 Outro a pelle que a Africa escolhera:  
 Ambos no sangue as rubras alegrias.

A innocencia das azas despenhara,  
 Um docel de iriante phantasia;  
 As mães são dous extremos:—uma cria,  
 A outra rouba o que a natura gera ;

Chora a loira creança:—o seio escravo  
 Aos labios dà-lhe o mel da nutrição,  
 Que suga como a abelha sorve o favo,

Mas o pobre Ismael, se hcora... então  
 E' p'ra ferir da mãe o acerbo travo;  
 Que não tem mel nem leite a escravidão !

A. MARTINS.

## O padre Francisco Pinto

ou

*A primeira catechese de indios*

**No Ceará**

POR

PAULINO NOGUEIRA

(Conclusão)

Quanto ao angelico padre Francisco Pinto, devemos-lhe maxima estima e veneração, co.no aquelle que deixou impressa na memoria dos selvagens incolas do nosso solo a idéa consoladora da religião, e sanctificou com o sacrificio do seu sangue o introito da civilisação em nossas brenhas.

A recordação suave do apostolo da palavra permaneceu na mente dos timidos e suspeitosos aborigenes como imagem de candura e amisade (59). Pois o martyr da fé é soldado que ganha no morrer a fortaleza invencivel do espirito dos seculos (60).

Desembaraçado já o campo, sahiu dos mattos o padre Luiz Figueira com os cinco indios que o acompanharam ; deu com o cadaver do seu amado irmão em Christo banhado em sangue e, abraçado com elle, cobriu-o de copiosas lagrimas, inconsolavel ainda mais por ver-se só, no meio d'aquellas florestas virgens, sem poder seguir para o seu destino, nem permanecer na serra para continuar no serviço da catechese.

Si sua carinhosa mãe o visse nesse momento pungentissimo, como a de Jocelyn, o desventurado Presbytero, em transes aliás menos dolorosos, lhe teria bradado:

... deixa, abandona  
 Esse horroroso, devorante solo,

(59) Araripe, cit., pag. 87.

(60) Emilio Castellar, *A Redempção social*.

Que proscree a innocencia, adora o vicio,  
E onde é crime de morte a mesma prece.  
Quem não tem mais altar que quer do pa-  
dre? (61)

E foi o que elle fez. Mettendo o cadaver em uma rede, foi sepultal-o na raiz da serra, querendo que esta, diz o pa- José de Moraes, lhe servisse de mausoléo já que lhe tinha servido de throno á sua ardente caridade; levantou ahi mesmo uma capella em que depositou-o, com uma cruz na frente, para servir de signal certo de um tão rico e impercível deposito; e retirou-se para o Ceará, d'ahi para o Recife e depois para a Bahia. (62)

Mas nem porque entre os selvagens da Ibiapaba houvesse, infelizmente, uma tribu tão deshumana que procurasse matar, para roubar, um sancto varão, anathematizemos, como fazem alguns, toda uma raça, cultora tambem dos melhores sentimentos, talvez mais sinceramente do que povos civilizados...

A caridade,  
Que é timbre do christão, tem-na o gentio,  
Como os sanctos a tem; o homem culto  
Só cultiva o desfarce: dentro é fera,  
Quando o baptismo lhe não desce n'al-  
ma. (63)

E' muito mais para admirar que houvesse um varão tão sancto que, desprezando todas as commodidades da vida, renunciando todos os go-

(61) A. de Lamartine, *Jocelyne* cit., pag. 50.

(62) Este padre é um destes vultos angelicos, que illuminam as primeiras paginas da historia dos Jesuitas em nossa terra; já velho o cansado, não cessava de viajar pelos sertões do Brazil para catechisar e doutrinar os *pobres brazis*, como com sincera ternura os denomina no Prologo de sua *Grammatica*. Gozou da gloria do martyrio; foi morto e devorado pelos indigenas na ilha de Marajó, no Parã. Couto de Magalhães, "O Selvagem" cit., Parte 3.<sup>a</sup>, pag. 61, nota 10.

(63) Porto Alegre (Barão de Santo Angelo) "Colombo", Tom. 2.<sup>o</sup>, Cant. 36, pag. 420.

sos, se mettesse pelas brenhas a dentro, com sacrificio da propria vida, para catechisar ve dadeiros barbaros, do que que o matassem aquelles que só de gente tinham a semelhança e o nome, mas de fera a condição.

Voltemos aos malvados tocarijús e ao venerando cadaver do martyr, e vejamos si o que seguiu-se a respeito não é honroso ao character e pios sentimentos dos demais indios, tanto da serra como do Ceará.

Morto o padre Pinto, os tocarijús dirigiram-se, sem demora, á pobre cabana donde elle havia sahido; não pouparam cousa alguma que podesse servir de pasto á sua insaciavel e sacrilega cobiça; e, como todo seu diabolico intento era só matar o virtuoso sacerdote, para roubar-o, aproveitando-se do muito que imaginavam em seu poder, se retiraram ufanos, victoriosos e cada vez mais brutaes com a canibal presa, fazendo publica ostentação dos despojos nas poucas alfaias da pobreza dos padres, nas vestes sacerdotaes e mais instrumentos do altar portatil, que sacrilegamente roubaram.

Mas os tobajáras, apenas souberam da morte do seu querido *Pai-Pina*, assentaram de vingal-a a seu modo. Procuraram os tocarijús na sua propria aldeia; e, dando-lhes um apertado cerco antes do romper d'alva, fizeram um verdadeiro *Saint Barthélemy*: tocaram a matar com tanto furor, sem distincção de grandes e pequenos, moços e velhos, innocentes e culpados, que não deixaram um só que podesse fazer lembrado seu nome e castigo á posteridade. (64).

(64) Padre José de Moraes, Hist.

Não foi a serra, porem, por muito tempo o tumulto do grande servo de Deus.

Os indios do Jaguaribe, ainda cossados em 1609 por outra grande secca (65), lembraram-se logo do seu querido *Amanajára* que, em identicas circumstancias, já lhes tinha feito cahir chuva do céu; e resolveram a trasladação dos seus ossos para junto de si.

Tendo por guia o roteiro, que o padre Luiz Figueira lhes havia deixado, e por chefe o Principal *Poti* ou *Camarão* (66), amigo e admirador

cit., Cap. 5, e padre Antonio Vieira, Rel. da Miss. cit., Cap. 2.<sup>o</sup>, pr.

(65) Aproveito a occasião para dar noticia de uma secca, em 1745, desconhecida ainda na Provincia e fóra della.

O Jesuita Johan Breiver-em Murr: *Journal zur Kunstgenhuchte*, vol. 17, pag. 273, publicado em Nilmberg no anno de 1789, escreve:—"Maximis tamen hominibus infelix est continuata siccitas qualis in Siará, et aliis longe lateque circum jacentibus regionibus fuit anno hujus sæculi 45., quo toto anno, dubito, an duodecies pluerit; perentibus pluribus pecorum millibus tam defecta pabuli quam aquæ. Accedebat quod neglectus ignis usque adeo sub terra exsuccas, et sibi innexas arbustorum radices corripere, ut super paulatim consumeret; unde non uni contigit, ut super has partes incidens subito in latentem sub illis foveam incuderit, pedesque amiserit.

*Traducção*:—"Entretanto, para a maior parte dos homens continuava uma secca infeliz, igual á que houve no Ceará e em outras regiões mais ou menos adjacentes no anno 45 deste seculo, no decurso do qual duvido que chovesse doze vezes; perecendo milhares de gados, não só á falta de pasto como d'agua. Accrescia a tudo isso que o fogo ganhase e consumisse paulatinamente, mesmo nas entranhas da terra, as raizes dos arbustos resequidos e emmaranhados; pelo que aconteceu a mais de um que, caminhando por esses logares, cahissem de subito em fojos occultos sob as mesmas raizes queimadas, e assim queimassem os pés."

Breiver morreu em Colonia a 13 de agosto de 1789; esteve dez annos na Ibiapaba e no Ceará em 1751.

(66) Este é o grande indio D. Antonio Felipe Camarão, cujo retracto orna a sala das sessões da Camara Municipal da Fortaleza. Foi um dos vultos mais proeminentes da guerra

do miraculoso *Amanajára*, puzeram-se a caminho em procissão, no rumo da Ibiapaba, em 1811.

Foi-lhes facil dar com o tumulo, e não menos trazerem os ossos em um caixote, que levaram de proposito, como uma especie de urna funeraria dos nossos tempos.

Si guardaram o maior respeito durante todo trajecto, não menos no deposito que fizeram dessas reliquias na aldêa da *Porangaba* (67), em u-

hollandeza no Brazil em favor da Metropole, que remunerou seus relevantes serviços com a patente de Capitão-mor dos indios do Brazil, o titulo de Dom, o habito de Christo e a commenda da Ordem dos Moinhos do Soure.

Segundo o padre Manoel Calado, "Valeroso Lucideno", pag. 165, sabia ler e escrever bem o portuguez, e não era estranho ao latim. Não é, portanto, de admirar que quatro provincias (Pernambuco, Parahyba, Rio-Grande do Norte e Ceará) lhe disputem o berço, como a Homero sete cidades da Grecia; com uma grande differença, que sobre a existencia do heróe brasileiro não ha duvida; mas a ha bem fundada sobre a do poeta grego. Vide "Sur la question homérique" (sobre a theoria de Wolf,) O. Muller, "Histoire de la Litterature Grecque", vol. 3, pag. 253 a 284, Traduç. de H. Hillebrand.

(67) Araripe, pag. 85, infere da seguinte circumstancia que a aldêa em que foram depositados os ossos do Padre Pinto é a Paupina: "Quando Jeronymo de Albuquerque, em 1814, aportou na enseada do Iguapeia na comitiva deste official um padre (Manoel Gomes), o qual diz que amarraram na bocca do porto do Ceará (que então era a dita enseada) em altura de 3 grãos e 1 sesmo, e accrescentou: «A tarde sahi em terra, na qual, posto de joelhos, olhando para a banda onde me disseram estar uma igreja de indios, à 3 legoas de distancia, em que está enterrado o nosso bemaventurado padre Francisco Pinto, me recomendei a elle.»

«Nestes tempos era assás povoado de hordas indigenas o terreno entre a costa e as serras d'Aratanha e Maranguape: na parte central desse terreno existe a lagoa Paupina, cujas adjacencias nos tempos da primeira colonisação já serviam de assento à uma aldêa de indios. A distancia de 3 legoas, acima indicada pelo chronista, quadra à aldêa Paupina na direcção aproximada do poente.»

ma igreja especial, com cruz na frente, levantada de proposito por ordem de Camarão.

Ahi, conforme seu gentelismo, procederam á pomposas exequias, constantes de um choro continuo durante trez dias, chamadas em sua lin-

Candido Mendes, em suas "Memorias" cit., Tom. 2, pag. 467, nota 2., concorda no sitio, mas por outra razão: "por causa de Pai-Pina, nome por que os indios conheciam o padre Pinto, cnamou-se a aldêa de Pai-Pina, donde a corrupção de Paupina, onde estiveram sepultados os ossos do mesmo Padre Pinto em 1611."

O major J. Brigido, no seu "Res. da Hist. do Ceará" cit., pag. 12, está de acordo com C. Mendes.

Mas, depois de compostas ditas "Memorias", é o proprio C. Mendes que em "Notas Aditivas" à pag. 65 da Introducção, nota 2., rectifica o seu engano:—"Segundo o que escrevemos na nota 2., à pag. 467, era nossa conjectura de que a aldêa onde foram sepultados os ossos do Padre Francisco Pinto, era Messejana, em razão do nome de Pai-Pina; mas, reflectindo melhor e attendendo à carta do padre Manoel Gomes à pag. 72 do Tom. 1.º destas "Memorias", que fixa a distancia dessa aldêa da antiga fortaleza do Ceará, mudamos de parecer, e entendemos que outra não pode ser senão a antiga aldêa da Porangaba."

Corroboram a opinião de C. Mendes duas razões ainda da maior procedencia:

1.ª Diz Berredo, nos seus "Annaes do Maranhão", que os ossos do padre Pinto conservaram-se no Ceará na aldêa dos *Algodões* com grande veneração até dos proprios indios." Ora, a aldêa dos *Algodões* era a da Porangaba, como se vê perfeitamente da Carta Topographica do Ceará, de Gaspar Barlaeus, e attesta a mais ininterrupta tradição.

2.ª Em 1611 o Principal Jacauna, ou em portuguez *Jacarandá preto*, irmão de Camarão, já se havia mudado do Aracacú para Porangaba, onde fixar a sua aldêa para proteger a Soares Moreno, a quem chamava de filho, como nos assevera Pompêo no seu "Dic. Top.", verbo *Arronches*. Tambem era na Porangaba, diz C. Mendes, que vivia o Principal *Amanajára* ou *Algodão*, o primeiro, como vimos, que travara de amizade com o Padre Pinto quando este chegara ao Ceará. Ora, nada mais natural do que Camarão depositar os ossos do seu idolatrado *Amanajára* na aldêa em que viviam seu irmão e *Algodão*.

gua *çapiron* (68). Todos os Principaes trajavam com a maior pompa, e os indios com todo luxo possivel.

Seguiu-se outra cerimonia não menos edificante. Camarão ordenou que todos as tribus das aldêas visinhas, em procissão, fossem visitar aquellas venerandas reliquias; e as da propria aldêa todos os dias, pela manhã, fossem dar-lhes os *jandé-coéma* (69), que correspondem aos bons dias, do nosso uso.

Em outra parte essas reliquias não teriam mais piedosa veneração. Em 1614 conta o padre Manoel Gomes ao Provincial da Ordem, em carta datada do Ceará:

«Fallei com os indios, que acudiram á praia a saber da novidade de tão grande armada em seu porto, e pela devoção que ao reverendo padre tem, me fizeram força para me levarem á sua aldêa. Dificultei a ida em razão da distancia, e porque nos haviamos fazer á vela na manhã seguinte. Instaram-me que me levariam em rede, vim a concerto que iria a pé, se me largassem os ossos do padre Francisco Pinto; o que não quizeram e affirmaram os haviam defender com as armas, se lh'os quizessem tirar, persuadidos que os Céos lhes deixariam de fazer mimos, se nem sol a seu tempo, e quando os ameaça essa falta se vão á sepultura, e fallando com o servo de Deus dizem: «Pai-

(68) Quer dizer litteralmente—olhos vermelhos; de *ça* olhos e *pi-ron*, *pirong*, *piranga* vermelhos. D'ahi *sapiranga*, especie de ophtalmia, molestia que ataca as palpebras, pondo-as vermelhas e muito conhecida no norte.

(69) *Nandé*, *iandé*, *yandé*, *jandé* nosso, e *coéma* manhã. Litteralmente—nossa manhã ou manhã de nos; e livremente pode traduzir-se por—bons dias, saudação d'amanhã, do uso civilisado.

a isso consentissem, e assim o tinham experimentado, que faltando-lhes algumas vezes, annos inteiros, chuvas, e por essa causa os mantimentos, frutos e frutas; e que depois que em sua igreja o agasalharam, não lhes faltou chuva *Pina, dae-nos chuva ou dae-nos sol*, conforme a sua necessidade, como se fora elle senhor dos tempos; e Deus, para honrar seu servo e mostrar quão acceita lhe é esta missão, lhes concede tudo á medida dos seus desejos.» (70)

Onde hoje ellas param, depois de quasi tres seculos, é impossivel dizer; o que, porém, pode-se affirmar é que será sempre veneranda a memoria do servo de Deus, levado em espirito para a sua patria celestial.

... Ao javardo emquanto o serro  
For grato, ao peixe o rio, emquanto orva-

(lho  
Cigarras mantiver, abelhas thymo,  
Durará com louvor teu nome e fama (71)

## OS QUINZE DIAS

Do naufragio do *Bahia*... tranquilise se o leitor; não vou transcrever cartas de naufragos, nem quisiços do inquerito para reviver no espirito publico as atribulações que o apouquentaram e opprimiram. Quero contar cousa diversa; registrar um pormenor alegre, um caso de bom agouro.

Do naufragio do *Bahia*, dizia eu, salvou-se um maço d'*A Quinzena*.

Imaginem que de festas cá

(70) Esta carta vem transcripta integralmente na Hist. do Padre José de Moraes, Cap. 9 *in-fine*. Diogo de Campos Moreno, na sua "Jornada do Maranhão," em 1814, attesta tambem a mesma veneração.

(71) Virgilio, "Egloga" 5.<sup>a</sup>, Odorico Mendes, "Virgilio Brasileiro", pag. 37.

por casa, si era a pobresinha o parente mais proximo que tinhamos a bordo do desgraçado paquete!

E escapou. As fauces escancaradas do medonho abysmo, liquido tumulo de tanta vida cara, fecharam-se generosamente áquelle pobre e humilde maço de nossa pobre folha, e ella, coitadinha, poude fluctuar entre as espumas e nadar para a costa, onde foi surgir fatigada, exhausta, contusa e afflicta.

O caridoso e honesto subdelegado de Catuama acolheu a jovem naufraga com carinhosa solitudine, digna do fitão auriverde que o distingue dos outros mortaes d'aquellas praias e deu-lhe hospedagem e até noticia telegraphica de estar salva a terra e terna filhinha do *Club Litterario*, que leu o caso com os olhos arrasados de lagrimas de paternal affecto e funda gratidão e, numa mesma prece, elevou ao deus de seu culto uma prece de amor e gratidão pelo salvamento miraculoso da criança e pela caridosa solitudine do subdelegado.

Em viagem de jornal é a mais aventureira de que tenho noticia.

Sahindo do tecto paterno, logo no correio teve de experimentar as agruras da vida, quando o Annibal, com mão tremula e desamorosa, atirou-a pela orelha ao canto poeirento das folhas a expedir. Horas depois era arrojada ao fundo de um sacco humido e impregnado de salsugem, juntamente com volumosos maços de folhas diarias, suas parentas ricas e vaidosas, que até fizeram que não a conheciam. O proprio *Libertador*, seu irmão de leite, criado com ella sob o mesmo tecto, fez-se soberbo, e até uma vez atirou-se-lheem cima com to-

do o peso de sua carga de noticias e adjacentes emulsão de Scott e machinas de Singer, massudos artigos de fundo e mais quinquilharias de sua enorme bagagem.

Na jangada ficou a desgraçadinha quasi sem folego, que foi o seu camarote não, o seu sacco, o escolhido pelo infeliz immediato Silverio para sentar sua gorda e volumosa pessoa.

A bordo o enjão e o abandono, até que, na noute terrivel de 24 de Março, viu-se rapidamente lançada ao mar a travez do rombo brutalmente aberto no costado do navio pelo punhal assassino do *Pirapama*, o Tropman do Atlantico.

E nem sabia nadar.

Quando quiz estender as mãos para o unico escaler de salvação atiraram-lhe ponta-pés os outros naufragos.

Abeirara-se depois da capoeira de galinhas que tanto serviço prestou naquella dolorosa emergencia, mas não quizeram recebê-la a bordo.

E as ondas passavam sacudindo-a, e o mar estoirava-lhe á cara soluços espumantes, até que uma ardentia generosa viu-a e commoveu-se.

—Vem, minha irmã. Tu que és o santelmo da mocidade corajosa e crente, vem comigo pelos caminhos do abysmo, que só bem conheço eu, o santelmo das galerias submarinas. Nós ambas servimos para illuminar: tu o espirito dos homens, eu os palacios das nereidas. Vem e salva-te.

E foi assim que aquelle maço d'*A Quinzena* aportou ás praias de Catuama.

Quando a onda em que as duas navegavam debruçou-se nos comoros da praia a ardentia beijou na fronte *A Quinzena* e voltou pelos mysterio-

sos meandros do oceano.

Mais tarde acharam a triste-sinha entre dous cadaveres.

Não havia perdido nenhuma de suas joias que brilhavam alli, aos raios de um sol amigo.

Deus protege os pequenos e os humildes.

—  
Outro facto litterario dos quinze dias que estou chronicando é a leitura da *Lyra Sertaneja*, do Sr. Castello Branco, em sessão do Club.

Mais do que para a apresentação de um livro novo, serviu a leitura para estrea das palestras, muito proveitosas e muito agradaveis.

Sem grandes pretensões, mas com grandes estimulos, enveredou o *Club Litterario* no caminho que se traçou e não se pode com muita razão duvidar que chegue em paz e salvamento ao porto de seu destino.

O principio é promettedor.

A muita gente parecerá de uma insipidez grandemente bocejante e soporifera isto de sahir de casa para conversar litteratices.

Questão de gosto.

Cá por mim voto pelas palestras puxadas a erudição. Entre dormir sonhando com a *macaca* dos azares ou com o enredo da ultima theoria critica ou philosophica, prefiro levar para entre os linhos do meu leito as impressões que me trouxe ao espirito esta 2.<sup>a</sup> maneira de passar os serões.

Bem haja, pois, quem inventou palestrar utilmente, mansamente, sem escala pelas tortuosidades da politica ou pelo delicado labyrintho da vida alheia.

—  
Emquanto o nosso humilde meio movimenta-se deste modo auspicioso e animado, pro-

mettendo muito e produzindo já alguma cousa; para outros, mais ricos, mais protegidos, mais mergulhados em luz, o-bumbram-se os pharoes que indicam o caminho do futuro, ennoita-se o horisonte e cae o manto da treva mesmo no pedaço de céu que se apresentava mais cor de rosa.

No Recife, ninho d'aguias, viveiro d'onde, de quando em vez, partem revoadas alegres e ruidosas de condores predestinados, armados para a cruzada da gloria, com o verbo da verdade e da justiça no garrulo biquinho e entre os dedos nervosos, ainda cançados do manusear constante do *Corpus Juris*, o canudo symbolico, cornucopiade inexaurível saber; no Recife, a Veneza Brazilia, centro grande e rico escolhido para séde de uma das nossas poucas escholas de ensino superior, commetteu-se dentro destes quinze dias mais um crime barbaro:—á mingua de assignantes morreu a *Revista do Norte*, cuja vida não deixa nada a desejar áquellas rosas condemnadas com chapa estafada e macrobia

Deus tenha a *Revista* por muitas eternidades em sua santa gloria, sem *A Quinzena*, mirrada planta exotica, indigena dos paizes privilegiados, que vegeta aqui neste canto safaró, a custa d'um moirejar constante e pesado como o buril de um infeliz lançado pelo infortunio ao escuro tetrico do convento.

Pobre da *Revista do Norte* !...

—  
Das letras ás artes é menos que do Capitolio á Rocha Tarpeia.

Fecho, pois, a chronica dos quinze dias com a noticia da chegada de uma companhia equestre e gymnastica, gene-

ro altamente sahoroso ao paladar do nosso publico.

Aqui, onde as companhias lyricas mal conseguem *sahir pelo becco*, quando não se dão por fallidas, as de cavallinhos prosperam, tornam-se *great attraction* e levam consigo boas e numerosas notas que lhes dão ricos e pobres.

Enão censuro por isso o gosto publico, como faz muita gente.

É um genero de espectaculos que tem a virtude de transportar-nos em memoria aos tempos felizes da divina Grecia e, si é por isso que o Zé-povinho cá da terra os applaude, muita razão e muito gosto tem o Zé-povinho.

Agora si é por causa do palhaço...

Ainda assim, quem sabe si o publico não tem razão?

As operas não dão para rir ao passo que os palhaços são machinas de gargalhadas e de gargalhadas é que nós precisamos.

Divirta-se, pois, o publico dos cavallinhos e o commercio que peça novo sortimento de fitas e setins para bouquets, bandeiras e distinctivos dos partidos que vão levantar-se valentes e gritadores.

J. L.

## DESERTO

Esta casa que vês arruinada,  
Solitaria e deserta no caminho,  
Foi outr'ora de noivos casto ninho  
De illusões e de risos povoada.

E hoje, como funebre morada...  
Já não conserva o traço de um cari-  
(nho,  
Nem se ouve o trinar do passarinho  
Em seu muro ao romper da madru-  
(gada.

Assim meu coração d'antes repleto  
De esperanças e candidos amores  
E' hoje como um tumulto, deserto;

E o vergel onde outr'ora as lindas  
(côres

Das rosas de um porvir risonho e  
Brilhavam, tem espinho em vez de  
(certo em vez de flores!

F. CLOTILDE

## O Manoel Basta

A F. MOREIRA DE VASCONCELLOS

Desde creança que elle era triste, amarello e scismatico.

Vivia encolhido; não gostava de strafegar, correr ou jogar pedradas, como faziam os rapazes da sua idade, ao longo dos caminhos vermelhos e pedregosos, ao entardecer dos dias, quando as bôae-noites sulferinizam as cêrcas e alargam expansivamente a redondeza alegre das petalas, d'onde se ergue uma aromatisação fresca e hygienal, emquanto o sol desapparece saudoso pelo outro lado da montanha.

Nunca a ruidosa brincadeira de *boi*—tão predilecta e tão querida dos companheiros—o attrahira e arrastava, nem mesmo a caça, a bodóque, dos passarinhos esthéticos e coloridos que dobram festivamente pelas ramadas, na preciosa liberdade dos campos!

Elle era «um molleza» como o chamavam o Nidal e o Justino, dois quebras da visinhança que viviam a estropear, a bodocadas, os cães e as gallinhas dos outros, e a roubar, de noite, cavallos nos pastos para assistir aos fandangos longinguos, lá para a banda das Aranhas.

A Sebastiana, uma magricella de pescoço comprido e regateira, que morava na encruzilhada do caminho da praia, e habituára-se a estar, até muito tarde, de lume na cosinha, sentada no portal da rua, pelas noites enluardas e limpas, pelo que passava por *bruxa*,—quando via os dois

madrachos desfilarem á galope, agitando a silenciosidade sordida e remançosa d'aquellas paragens, com um som estriduloso de patas que se perdia pela noite á fóra, —praguejava, enfurecia-se, chamava-os de estupôres, raios, desejava-lhes desgraças, uma morte affrontosa.

Entretanto, elogiava o Manoel Basta, dizendo-o bem ensinado, obediente á mãe e ás pessoas mais velhas, com modos de rapariga que se cria a pancadas.

A vida do Manoel Basta, era aqueitar-se ao sol todas as manhãs, entorpecido, anemico, sentado n'uma pedra, na frente da casa, carpinteirando canoasinhas de cortiça ou fazendo gaiólas e arapucas para agarrar gaturamos, os bons gaturamos da Caeira, de papo amarello e bico recurvo que dizem rebentar de cantadores; ou então, á noite, ouvir historias de feiticeiras, almas do outro mundo e lobishomens, acreditando d'aquillo, medroso, acorando junto ao brásido confortavel e clareante, de mãos abertas, voltadas para a quentura, de olhos arregalados de attenção, pregados na mãe, que frazeava o enredo complicado das lendas nocturnas, com entonação phantastica e penetradora, esparramada sobre um velho pedaço de esteira, fazendo zunir e rodar déstramente o fuzo, entre os dedos, na branca fiagem do algodão.

Capinava tambem, seu bocado, todos os annos, um pedacinho de terra, d'onde tirava alguns alqueires de farinha, e costumava ir a praia, ajudar a puxar as rêdes, pelo tempo das tainhas.

A mãe, desde madrugada, começava a lidar, a inovimentar o tear até a noite; e aquelle bater continuo do appare-

lho, que se ouvia ao longe, á luz amornentadora e somnalisante de um forte sol de aldeia, era como que o grito de vida, a nóta sonora da Industria e do Trabalho, que sahia do pobre lar, incessante, monotona e prolongada, havia uma trintena de annos!

E assim viviam, o Manoel Basta e a mãe, tranquillos na sua penuria, escrupulosos na sua honradez, sem pedirem nada á ninguem.

Mas, uma vez, entrou o Manoel a inchar tanto e a ter taes cançamentos, que a mãe assustou-se e mandou buscar remedios na cidade para tratar o, fazendo-o tambem tomar mesinhas, uns cosimentos caseiros, que lhe ensinavam.

Entretanto o inverno chegava encarniçado e inclemente, como uma destruição.

O sustento escasseava de um modo rapido e extraordinario; todas as manhãs, lençoes de neve ostentavam fóra, a brandidão fulgurante e crúa de sua frialdade.

Na cosinha, já não existia o bom fogo consolador de outros tempos, no desalento d'aquella casa!

Uma desgraça.

E o rapaz, que peiorava de dia em dia, observando-se quasi a estourar, expirou uma noite, ao monotono tamborillar da chuva sobre as telhas esburacadas e corridas.

Então, a velha mãe amantissima, ao vêr-se isolada e sem defeza, ao ataque brutal e desorientante da dôr, atirou-se para a entrada, em busca de soccorro, escabellada, rôta, sem crenças, a blasphemar contra Deus doudo, completamente douda!

VIRGILIO VARZEA.